

Ferreira, A. (2024).

## **Nós somos os rankings. Precaridade, reflexividade e ação social na academia neoliberalizada.**

Almedina (224 pp.)

THAIS FRANÇA\*

---

Em *Nós somos os rankings*, Ana Ferreira (2024) oferece uma análise contundente, empírica e teoricamente informada sobre os modos como a precariedade laboral se entranha na academia contemporânea, não apenas como condição material, mas como estrutura simbólica e produtora de subjetividades. Com um olhar situado e sociologicamente rigoroso, a autora desmonta a ilusão de meritocracia e excelência que sustenta o imaginário da academia neoliberal, revelando os custos humanos, políticos e epistêmicos dessa configuração.

Escrito com a urgência de quem conhece por dentro as transformações resultantes do avanço da neoliberalização da academia, este livro é ao mesmo tempo testemunho, denúncia e proposta. Um gesto de resistência intelectual e afetiva contra a normalização da precariedade. Não se trata de uma observação distante, mas de uma escrita situada, que assume o risco de produzir conhecimento engajado. Sem abrir mão do rigor, a autora afirma uma escrita que é também política, comprometida com a possibilidade de imaginar

.....

\* DOI: <https://doi.org/10.34619/ufup-7yiz>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1279-412X>  
Instituto Universitário de Lisboa, Iscte, Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-Iscte), 1649-026 Lisboa.  
[thais.franca@iscte-iul.pt](mailto:thais.franca@iscte-iul.pt)

e construir outros modos de vida acadêmica.

A investigação parte de um contexto nacional concreto – o caso português –, onde o expressivo crescimento do sistema científico nas últimas décadas, evidenciado pela qualificação de milhares de novos doutorados, não foi acompanhado por uma correspondente ampliação de vínculos laborais estáveis. Ao contrário: a universidade portuguesa consolidou-se como um espaço profundamente marcado por formas diversas de precarização – contratos temporários, bolsas intermitentes, ausência de direitos e um horizonte de instabilidade permanente.

É sobre esse pano de fundo que o texto se articula criticamente com os processos globais de neoliberalização do ensino superior, permitindo uma análise que entrelaça o empírico e o estrutural. Ferreira examina os efeitos da precariedade não apenas sobre as condições objetivas de trabalho, mas também sobre as subjetividades acadêmicas, os sentidos atribuídos às práticas quotidianas, os imaginários da universidade e as margens (e limites) da agência individual e coletiva. Trata-se, assim, de um trabalho que ultrapassa a mera denúncia para construir uma crítica sociológica robusta,

teoricamente fundamentada e politicamente comprometida.

Frente à ausência de estudos abrangentes que caracterizassem a precariedade da academia portuguesa, Ana Ferreira assume um duplo objetivo: por um lado, caracterizar a massa crescente e invisibilizada de acadêmicos precarizados; por outro, compreender como estes reproduzem ou resistem à academia neoliberal por meio das suas práticas, das significações atribuídas ao seu trabalho e das formas como se projetam no futuro.

A autora inscreve sua análise no campo da crítica à neoliberalização da academia, concebida como um processo de empresarialização das instituições, instrumentalização do conhecimento e imposição de uma cultura de performatividade e autoavaliação permanente. Ferreira mobiliza autores como Stephen Ball, Margaret Archer e Asli Vatansever para mostrar como *rankings*, métricas e indicadores não apenas avaliam, mas produzem sujeitos acadêmicos conformes às lógicas da excelência, da competitividade e da eficiência. Em diálogo crítico com Archer, a autora enfatiza que as práticas acadêmicas não se originam exclusivamente de processos reflexivos conscientes, mas também de disposições pré-reflexivas internalizadas

ao longo das trajetórias sociais, à maneira bourdieusiana. A análise ganha densidade ao articular essa dimensão disposicional com os efeitos subjetivos da performatividade descritos por Ball, bem como com o potencial de agência embutido na frustração coletiva analisado por Vatanever. A frase que dá título ao livro – “Nós somos os rankings!” – sintetiza de modo incisivo essa contradição: os sujeitos precarizados, ao internalizarem os critérios de avaliação que os oprimem, terminam por legitimar uma ordem que os exclui, mesmo quando a criticam.

Metodologicamente, o livro destaca-se por combinar abordagens quantitativas e qualitativas com rara fluidez, permitindo o mapeamento de vínculos, perfis e expectativas, ao mesmo tempo que analisa discursos, afetos, disposições e formas de reflexividade. Um dos méritos centrais da obra é a construção de uma tipologia de perfis de ação e revelação dos diferentes mecanismos pelos quais os sujeitos criticam o sistema e simultaneamente o reproduzem, permitindo compreender a diversidade de estratégias de sobrevivência, resistência e reprodução. A autora também propõe uma reflexão sobre o potencial de formação de um precariado acadêmico como sujeito coletivo, embora

reconheça os limites da mobilização atual. A obra desafia a sociologia a incluir o trabalho acadêmico como objeto legítimo de análise e a pensar formas de resistência que ultrapassem o individualismo meritocrático.

Ferreira mostra que a precariedade não apenas desestabiliza carreiras, mas produz um tipo de sujeito acadêmico formatado pela lógica da performance, da competição e da constante vigilância. A pressão para publicar, a necessidade de provar valor continuamente e o medo do esquecimento institucional operam como mecanismos de controle subjetivo. Não se trata apenas de precarizar o vínculo, mas de precarizar o tempo, o desejo, a esperança.

O texto também alerta para o fato de que, embora os discursos de resistência individual sejam frequentes – muitas vezes marcados por indignação e crítica à lógica neoliberal –, raramente se traduzem em formas coletivas de mobilização. Ferreira interpreta esse afastamento da ação coletiva como resultado de múltiplos fatores: isolamento institucional, ausência de representação, competição entre pares, tempo extenuado. Assim, os processos de reflexividade crítica, mesmo quando presentes, tendem a se circunscrever à esfera do íntimo e do imediato, funcionando mais como mecanismo

de sobrevivência subjetiva do que como catalisadores de transformação estrutural.

O texto convida o/a leitor/a a pensar as implicações políticas da precariedade acadêmica: que ciência se pode produzir sob a lógica da escassez permanente? Que tipo de pensamento crítico sobrevive num ambiente em que o presente é sempre urgente demais? Ao identificar as formas como a precarização afeta não apenas os corpos e os vínculos, mas também os modos de pensar, ensinar e pesquisar, Ferreira denuncia a erosão silenciosa da universidade enquanto espaço público, democrático e produtor de saberes socialmente relevantes.

Nesse sentido, a precariedade aparece como uma prisão estrutural e simbólica: os acadêmicos lutam para sobreviver, mas nesse esforço reproduzem o sistema que os exclui, sem tempo, recursos ou apoio para pensar outras formas de organização acadêmica. As suas práticas de resistência, embora reais, funcionam mais como estratégias de gestão de tensões subjetivas do que como atos de agência transformadora.

A análise revela que, entre o garantir o presente e projetar o futuro, reproduzem-se as condições da sua manutenção numa posição de subalternidade estrutural.

“*Nós somos os rankings*” é, portanto, mais do que uma crítica à universidade neoliberal. É uma convocatória à reflexão coletiva sobre o que queremos preservar, transformar ou abandonar na vida universitária.

Escrevo esta resenha em agosto de 2025, no exato momento em que a comunidade científica portuguesa é surpreendida pelo anúncio oficial da extinção da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – um gesto que, mais do que simbólico, representa o aprofundamento do desmonte institucional da ciência como bem comum. Nesse contexto, o texto de Ana Ferreira ganha ainda mais atualidade e urgência. A autora nos lembra que a precariedade não é um problema apenas individual, mas a expressão de um modelo de academia em crise – e que enfrentá-la exige não apenas diagnóstico, mas também coragem crítica e imaginação política.

## REFERÊNCIAS

Ferreira, A. (2024). *Nós somos os rankings. Precaridade, reflexividade e ação social na academia neoliberalizada*. Almedina.

Data de submissão/Submission date: 05/08/2025

Data de aprovação/Approval date: 19/08/2025

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license